

O QUE (AINDA) PODEM OS GÊNEROS NARRATIVOS NO CINEMA E AUDIOVISUAL?

MARIANA BALTAR | UFF

CAROLINA AMARAL | PUC-RIO

CESAR CASTANHA | UFPE

Os gêneros narrativos se apresentam ao cinema simultaneamente como horizonte de expectativas, convenções narrativas e formais e sistemas de comunicação. Assim, os gêneros organizam a economia do campo cinematográfico e audiovisual, revelam alguns de seus modos e reiteraões e, com isso, atuam criativamente sobre o campo. Textos clássicos de uma teorização específica do aparato conceitual de gêneros no cinema e audiovisual, alguns desses textos traduzidos pela primeira vez aqui neste dossiê, entendem o gênero como um pacto endereçado à espectadorialidade. O entendimento do gênero como categoria ao mesmo tempo material e cultural; como variável concreta, mas instável, que conjuga um pacto, espécie de convite a audiência, aparece desde o clássico texto de Rick Altman, “A Semantic/Syntactic Approach to Film Genre”, publicado primeiramente em 1984. Mas aparece sobretudo, alguns anos depois, na própria revisão que o autor faz dessa proposta inicial, advogando por uma abordagem semântica/sintática/pragmática ao gênero (publicada como conclusão no seu livro *Film/Genre*, em 1999).

Os novos cenários globais de espectadorialidade, com distintas e hipersegmentadas janelas de exibição, renovaram de modo intenso a eficácia desta categoria analítica e comercial. Basta olhar para os usos que as plataformas de streaming, canais de youtube e outras nas dinâmicas digitais fazem das demarcações generificadas para organizar as obras de seus catálogos de escalas transnacionais. Mas também no campo de uma produção mais autoral, no contexto brasileiro, por exemplo, os gêneros narrativos mais estabelecidos ao longo da história do cinema são matrizes criativas de jogos de alusão e deslizamentos estético-políticos.

Ainda que com alcance global, os gêneros se ramificam e localizam regionalmente de maneira heterogênea as diferenças internas da trajetória de cada gênero, revelando sua contínua dinamicidade e flexibilidade. Os gêneros, afinal, são definidos em uma perspectiva histórica, crítica e de mercado, mas essas definições não são permanentes, de modo que os diversos gêneros se mantêm sempre em definição.

Foi com inspiração nessa dinamicidade dos gêneros narrativos – uma elasticidade que tende a se tornar um local de disputa e dissenso ao se abrir para tudo o que os gêneros podem ser, explorando inclusive suas muitas contradições internas –, que organizamos este dossiê. Com ele, apresentamos trabalhos que lidam com os diversos repertórios genéricos, seus desdobramentos estéticos e problemáticas de ordem cultural, social e política. E, também, apresentamos pela primeira vez em português, traduções de textos fundadores e fundamentais sobre a teoria de gêneros narrativos, contribuindo com a ampliação das possibilidades de acesso e uso desse arcabouço.

Nesse sentido, oferecemos a tradução das últimas páginas do livro de Rick Altman, *Film/Genre*, nelas o autor não apenas sistematiza sua abordagem sintático-semântico-pragmática, mas reproduz a versão original do texto de 1984. Nesta tradução, realizada por Jean-Pierre Barakat, com revisão de Mariana Baltar, optamos por manter o formato textual do livro, sem qualquer alteração, adaptação ou corte, ainda que o autor se refira algumas vezes à publicação original.

A segunda tradução é do artigo de Celestino Deleyto, “Gêneros fílmicos na encruzilhada: o que os gêneros fazem a si próprios”, texto fundamental para pensarmos os significados e as utilizações dos gêneros narrativos. Nele, cuja versão para o português foi feita por Carolina Amaral, Deleyto reconhece a organização sistemática dos gêneros em que a indústria cinematográfica está implicada enquanto expressa um interesse em trabalhar com seus aspectos especificamente textuais e formais. O autor se questiona sobre a relação mais aberta que os gêneros estabelecem com o cinema, oferecendo à linguagem não só a convenção “dentro” do gênero, mas também para além dele, incluindo suas muitas relações intergenéricas.

O outro trabalho de tradução do dossiê, realizado por Jocimar Dias Jr, é o artigo “A Cor do Entretenimento”, de Richard Dyer, originalmente publicado na revista *Sight and Sound*, em 1995, e depois republicado no livro *Only Entertainment*. Em 2016, o capítulo anterior do livro, “Entretenimento e utopia”, foi traduzido e publicado pela revista Eco-Pós. “A Cor do Entretenimento” representa, no entanto, um desdobramento chave para o que Dyer elabora no capítulo anterior, o que justifica a importância da sua tradução. A partir de uma análise crítica da série de

filmes *That's Entertainment!* (1974, 1976 e 1994) – produções guiadas por um sentimento nostálgico em relação ao cinema musical clássico, colecionando seus números e intercalando-os com depoimentos de estrelas do gênero enquanto elas contemplam seu próprio trabalho –, Dyer nos coloca diante da diferença racial que atravessa tanto a formulação genérica do filme musical como a maneira como lemos o musical até hoje.

Vistas em conjunto, essas três traduções conseguem fornecer uma boa síntese das múltiplas abordagens e usos da categoria para nosso campo do cinema e audiovisual, reafirmando as possibilidades materiais, afeitas a análises textuais, mas, sobretudo, também possibilidades políticas de uma reflexão com base nos gêneros narrativos. Os textos originais costumam dar ênfase aos gêneros em seu contexto cinematográfico. Em geral, mantivemos uma tradução literal como gênero cinematográfico ou fílmico, mas conscientes de que fazemos uma leitura mais ampla dessa expressão, expandindo para um contexto audiovisual.

Os textos deste dossiê ecoam não apenas o pensamento crítico e teórico sobre esses repertórios, desdobramentos e problemáticas que se produzem a partir dos gêneros, mas também a pertinência de uma reflexão sobre os gêneros narrativos a partir de nossa posição acadêmica localizada. Se os gêneros são frequentemente identificados pelo sistema de classificação que foi montado no cinema clássico hollywoodiano, é de grande importância o desenvolvimento de pesquisas em gênero que tomem uma posição e assumam o olhar do Sul global para esse sistema e para sua diversidade criativa, histórica e geográfica.

Essa pertinência não se apresenta apenas na necessidade existente de cartografar as trajetórias de alguns gêneros no cinema brasileiro, como é feito em um artigo e um texto da seção livre deste dossiê, mas também nas proposições teóricas e analíticas que dirigem seu olhar para o estado do sistema genérico fora do país. Assim, os textos aqui dispostos colocam em questão desde a ontologia que define os gêneros narrativos e o que os constitui até as reverberações do sistema genérico em um mercado audiovisual em mudança pela plataformização e circuito de *streamings*.

Assim, o dossiê *O que podem os gêneros narrativos no cinema e audiovisual?* apresenta para os leitores da revista *A Barca*, além das traduções, cinco textos escritos por pesquisadores de instituições diversas interessados em problematizar, tensionar e se apropriar dos gêneros narrativos e do potencial criativo e sistemático que eles representam para a linguagem do cinema.

Seguindo para os artigos originais publicados no dossiê, temos como nosso primeiro texto “O melodrama no cinema brasileiro: uma análise a partir dos conceitos de Gênero e Modo”, de David Terao. Esse texto organiza uma necessária retomada histórica do cinema brasileiro para realizar um mapeamento do melodrama nos filmes dos estúdios brasileiros entre as décadas de 1930 e 1950. Pensando uma negociação do melodrama como gênero com o melodrama como modo, ele conclui o texto analisando o modo melodramático no filme *Eles não usam black-tie* (dir. Leon Hirszman, 1981). Um texto apropriado para pensar a historicidade do melodrama e sua sobrevivência no cinema brasileiro.

Em seguida, temos o artigo “Especulando gênero(s): por uma abordagem queer dos estudos de gêneros cinematográficos”, de Henrique Rodrigues Marques. Esse texto volta às bases conceituais do cinema de gênero para propor um campo de estudo comum entre gênero como categoria narrativa (*genre*) e gêneros como categoria identitária (*gender*). O texto se diz motivado por uma inquietação de pesquisa em pensar o cinema de gênero ao mesmo tempo em que elabora o ímpeto de flexionar ou até romper com suas fronteiras classificatórias, refletindo sobre o que está em jogo nessas delimitações e na liberdade formal dos gêneros narrativos para além delas.

O terceiro artigo é “Reprodução social de heróis: aspectos da instrumentalização da maternidade nos animês do tipo *shōnen* My Hero Academia e Demon Slayer”, de Leonardo Costa e Regiane Ribeiro. Voltando para o gênero do animê, o trabalho utiliza o subgênero *shōnen* como ponto de partida para uma análise cultural da representação da maternidade nas séries do gênero, o que é interseccionado com um interesse de pensar como se representam também as constituições familiares e o trabalho feminino nessas narrativas.

Os dois últimos textos se voltam para o estudo da fantasia e ficção-científica, com enfoques bem distintos entre eles. No artigo “O suburbanismo fantástico como ferramenta genérica Hollywoodiana para adaptar Narrativas Infante-Juvenis”, de Pedro Artur Baptista Lauria, o autor faz um estudo de caso dos filmes de aventura da Amblin Entertainment, produtora cinematográfica hollywoodiana fundada em 1980 e responsável por uma filmografia carregada de um forte código genérico, o que é discutido no texto. A análise é adequada por propor uma interação entre o estudo dos gêneros narrativos e um estudo da indústria e da cultura de consumo, que sustentam e modificam esses gêneros. É conveniente pensar sobre isso especialmente diante do cenário dos streamings, que muitas vezes promovem a sua própria catalogação genérica.

Encerrando o dossiê, na seção livre, temos o texto “O porvir imaginado pelo cinema brasileiro contemporâneo: a ficção científica no país do futuro”, de Arthur Silva Barbosa, interessado em pensar o estado da ficção científica e ficção especulativa na filmografia nacional contemporânea. O autor faz uma recuperação oportuna do estado da arte do gênero e de como ele tem sido abraçado por um olhar acadêmico dedicado a pensar a aparição reiterada das distopias, dos artifícios e das especulações dessa apropriação genérica que tem sido cada vez mais comum nas produções locais. A predominância da ficção-científica em um cinema brasileiro autoral contemporâneo é reveladora de uma função importante dos gêneros narrativos, que é a de organizar ou revelar *Zeitgeists* e estruturas de sentimento que atravessam a realização cinematográfica em determinados períodos e locais. Em tempos de distopias e disputas pela necessária reconstrução de utopias, os repertórios estéticos e temáticos da ficção-científica têm se mostrado um locus aberto de possibilidades e especulações, especialmente no campo do cinema brasileiro.

O passeio pelos artigos, seção livre e traduções deste Dossiê sedimenta o poder dos gêneros narrativos, em toda sua dinâmica ao mesmo tempo concreta e instável de repertórios e codificações, como horizonte de expectativas e como pacto. Do mesmo modo, esperamos que o convite feito pelas abordagens conceituais e análises aqui reunidas também induza a engajamentos reflexivos e afetivos frente a estas teorias e obras.

Boa leitura!